



**OS CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS
AGROECOLÓGICOS DAS MULHERES DA VILA RURAL SANTA CLARA**

***THE SHORT CIRCUITS OF MARKETING THE AGROECOLOGICAL PRODUCTS OF
WOMEN OF VILLAGE RURAL SANTA CLARA***

Iza Layana Cezário Galdino¹

Fernanda Ludmyla Barbosa de Souza²

Adilson Francelino Alves³

Alberto Feiden⁴

Jefferson dos Santos Vorpapel⁵

Grupo de Trabalho: GT1 – Territórios, Redes e Desenvolvimento

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo, descrever os circuitos curtos de comercialização oriundos da produção dos quintais agroecológicos das agricultoras da Vila Rural de Santa Clara. As mulheres conseguiram redesenhar o mercado fazendo com que o mesmo voltasse para o desenvolvimento local, situado entre a comunidade e a cidade. Tal procedimento foi possível através do uso multifuncional que os quintais ofereceram em suas vidas, proporcionando alimentos para consumo familiar e a venda do excedente da produção, já que os mesmos são produzidos de forma agroecológica. Para a realização do trabalho foi aplicado um questionário semi-estruturado através de entrevista com 14 mulheres da comunidade. E com isso pode se concluir com a pesquisa executada que os circuitos curtos de comercialização contribuem para um desenvolvimento local, pois estes oferece uma possibilidade de inserção social melhorando as condições de vidas das mulheres.

Palavras-chave: Quintais Agroecológicos, Mercados, Agricultoras.

Abstract

The present work has the objective of describing the short commercialization circuits from the production of the agroecological farms of the rural women of the Rural Village of Santa Clara. Women were able to redesign the market by bringing it back to local development, located between the community and the city. Such a procedure was possible through the multifunctional use that quintals offered in their lives, providing food for family consumption and the sale of surplus production, since they are produced in an agroecological way. A semi-structured questionnaire was applied through the interview with 14 women from the

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Engenheira Agrônoma, iza_layanagaldino16@hotmail.com

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Engenheira Agrônoma, mylla-nanda@hotmail.com



community. And with this it can be concluded from the research carried out that the short circuits of commercialization contribute to a local development, since these offer a possibility of social insertion improving the living conditions of the women.

Key words: Agroecological Backyards, Markets, Farmers.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país no qual há o predomínio da monocultura, esse tipo de agricultura acaba por acarretar sérios danos ao meio ambiente, principalmente pela grande quantidade de insumos agrícolas que são aplicados diariamente. Nos últimos anos surgiram algumas praticas que têm como prioridade produzir com o mínimo de impacto possível, obtendo assim uma produção sustentável. Os quintais são territórios destinados a colaborar com a segurança alimentar, a saúde e outras necessidades básicas, de várias partes do mundo, sendo as mulheres as principais responsáveis pela manutenção desse sistema. Para elas essa tarefa exercida no seu dia a dia, permite que a família possa ter acesso a alimentos saudáveis. .

Os quintais consistem em uma combinação de espécies florestais, agrícolas, ornamentais e medicinais, sendo uma das formas mais antigas de manejo da terra, que também podem ser associados, muitas vezes, à pequena criação de animais domésticos. Para Noda (2007), o quintal ou terreiro é a área pertencente à propriedade, esta área encontra-se mais próxima da residência, e é considerado um componente de produção, além da roça, capoeira e outros. De acordo com Young (1997) os quintais, ou “home gardens”, são denominados de hortos caseiros dentre outros termos que podem refletir especificidades locais deste sistema dependendo do termo utilizado para cada região.

As agricultoras da vila rural Santa Clara passaram a ser atores de mudanças dentro do território localizado na área de agência, pois as mesmas atuam desenvolvendo estratégias de incorporação de produtos nos mercados locais, além de redesenharem um mercado voltado para o desenvolvimento local. Sendo assim pode-se notar como essas mulheres tem ganhado um espaço na economia, participando ativamente dentro da unidade familiar, utilizando os quintais como fonte de renda extra e às vezes até principal dentro da casa.

Segundo Long (2001, 2007), cada ator exerce algum tipo de “poder”, inclusive aqueles que estão em condições subordinadas. O ator age de acordo com a situação em que está inserido, sendo assim para se conhecer como determinado ator age é necessário conhecer toda a sua estrutura e os recursos que tem para suas ações. Assim como as relações de gênero



são construídas socialmente, as relações de poder também são. Assim, ambas estão sujeitas às mudanças nas organizações culturais, políticas e econômicas, buscando novas formas de alcançar seus objetivos e as mudanças almejada (SCOTT, 1995).

Segundo Saquet e Alves (2014) A união de diferentes atores é de grande importância para construção de alianças, para que assim a luta pelas classes se torne mais forte. Essas redes conectadas podem favorecer toda uma estrutura local, regional, global, etc. o grau de ligação entre as mesmas varia de acordo com o raio de abrangência das conexões, essas redes podem se de curta ou de longa duração. Segundo os mesmos as experiências locais são de suma importância para se conhecer formações de território, e com as redes é possível analisar o conjunto de relações pelas quais o mundo é moldado.

É na agricultura familiar que se verifica uma diversidade na produção agrícola, tendo a maior parte da produção destinada para consumo da família. No desenvolvimento das culturas agrícolas as mulheres têm participado ativamente, embora quase sempre não tenham reconhecimento de seu trabalho. Para Di Sabbato (2009) embora as agricultoras tenham grande participação na produção agrícola, sobretudo na produção de alimentos o seu trabalho tem pouca visibilidade. Todavia a produção agroecológica tem sido uma oportunidade para agricultoras, pois além de ser uma ótima alternativa para inserção ao mercado, exercesse grande importância para o ambiente, estabelecendo uma interação entre elas e o meio ambiente, buscando um equilíbrio entre os distintos ecossistemas.

O presente trabalho tem como objetivo, descrever os circuitos curtos de comercialização oriundos da produção dos quintais agroecológicos das agricultoras da Vila Rural de Santa Clara comunidade pertencente ao município de Marechal Cândido Rondon.

2. MULHERES E AGROECOLOGIA

Para as mulheres, no Brasil e no mundo, ainda predomina uma situação incômoda no meio rural. O trabalho feminino ainda remete para muitos, como atividade complementar da atividade exercida pelo trabalho masculino, não sendo valorizadas as produções de alimentos como nos quintais, os quais as mulheres possuem uma forte atuação. Essa falta de reconhecimento é o motivo principal da invisibilidade do trabalho feminino dentro do setor produtivo (ALMEIDA *et al.*, 2014).

Ao não serem reconhecidas como importante força de trabalho, as mulheres são excluídas dos projetos e formulações políticas destinadas à agricultura em geral, porque se



subestima a quantidade e a qualidade do trabalho feminino na unidade familiar, tornando invisível o papel delas na promoção da agricultura. Os órgãos oficiais consideram atividades econômicas apenas aquelas que proporcionam renda direta. A falta de conhecimento e de treinamento faz com que as mulheres fiquem com as tarefas consideradas de menor prestígio e importância, desta forma só lhes é reconhecido um papel secundário e assessorio quando na realidade assumem responsabilidades tão importantes quanto às desempenhadas pelos homens. (BRUMER, 2000).

No campo e principalmente na agricultura familiar é muito comum que as próprias mulheres não se identifiquem como trabalhadoras (SILIPRANDI, 2004). Este fato ocorre principalmente quando essas exercem funções consideradas como secundárias em relação à produção econômica familiar que são mais importantes para a renda mensal.

O que se tem constatado é que as mulheres têm tido uma maior sensibilidade para trabalhar respeitando os limites do meio ambiente, e encontraram nas práticas da agroecologia, uma alternativa de contemplar técnicas, que vem a ser desenvolvida na unidade de produção, pois na maioria dos casos elas escolhem trabalhar em atividades ligadas a diversificação da produção, principalmente no território dos quintais, onde as mesmas realizam a administração de tal espaço.

Esses dados também foram apresentados pelos trabalhos de Paulilo (1987), Bumer (2000) e Siliprandi (2004) onde, segundo as autoras, referenciam toda a invisibilidade das trabalhadoras e agricultoras rurais. Nesse artigo falaremos sobre os quintais agroecológicos que além de representarem uma alternativa de baixo custo, proporcionam uma produção agroecológica, sob regime sustentável, para as agricultoras, e possibilitando as mesmas a venda de alguns excedentes através de circuitos curtos de comercialização.

3. OS QUINTAIS COMO ESPAÇO DE TERRITÓRIO E RELAÇÕES SOCIAIS

Segundo Brito & Coelho (2000) Os quintais são definidos como um terreno situado ao redor da casa de fácil acesso e cômodo, onde se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fazem parte das necessidades nutricionais da família, além de produtos como lenha e plantas medicinais.

Os quintais são territórios de conservação e produção de alimentos, onde ocorre uma interação social entre membros da mesma comunidade, que compartilham saberes e constroem redes de confiança. De acordo com alguns estudiosos o território pode-se



denominado, como o espaço onde ocorrem relações de poder e dominação, esses são moldados a partir das diferentes atividades desempenhadas dentro do mesmo e como os atores responsáveis pelas modificações agem dentro do sistema desenvolvido. Segundo Raffestin (1993) citado por Saquet (2005) o conceito de território baseia-se na construção de malhas, nós e redes, onde existem os campos de ações e poder, onde tem diferentes níveis que vão desde locais até globais e podem se expressar por diferentes relações naturais ou biológicas, culturais, políticas, sócias, econômicas, militares, etc.

De acordo com Pasa (2004), a produção nos quintais, possibilita à população manter uma baixa dependência de produtos obtidos externamente, ocasionando assim impactos mínimos sobre o ambiente, atuando na conservação dos recursos vegetais e na riqueza cultural, fundamentada no saber e na cultura dos moradores locais. Ao mesmo tempo, o quintal é um território que vem a fortalecer os vínculos sociais da comunidade por meio da utilização do espaço para atividades sociais, como rezas, festas e lazer.

Segundo Burg (2005) Na maioria das propriedades, a responsabilidade da manutenção dos policultivos, ou seja, da preservação da biodiversidade, é de responsabilidade das mulheres. Com isso elas encontram nos quintais um espaço de território ao quais as mesmas detêm de uma autonomia para tomada de decisões nesse local, já que as mulheres não tem poder de participação em outros espaços das propriedades. As espécies inseridas nos quintais são escolhidas por elas, e a manutenção do local também, apenas em alguns casos específicos elas têm a ajuda do marido.

A composição de espécies dos quintais, permite a combinação de varias culturas entre elas às frutíferas, hortaliças, medicinais e em alguns casos as arbóreas, que possuem funções específicas para a propriedade, sem falar na criação de animais de pequeno porte, nos quintais estudados foi possível observar a criação de galinhas tanto para postura como corte e uma pequena criação de porcos. (MACÊDO, 2007). Além disso, esses territórios vêm produzindo colheitas sustentáveis por séculos, utilizando os recursos naturais, na maioria das vezes, de forma eficiente.

A partir de um território formado que são construídos os mercados, onde são baseados no tipo de produtos fornecidos, que dependendo da origem podem ser provenientes de uma agricultura industrial totalmente mecanizada que prioriza o monocultivo, ou de uma agricultura de base familiar, onde se tem uma maior diversidade de produtos disponíveis,



principalmente quando provem de produção agroecológica (TRICHES & SCHNEIDER, 2015).

O mercado para a agricultura familiar tem se diversificado principalmente no que se refere às relações com os consumidores, que passaram a ter um maior contato estabelecendo uma relação de confiança, pois os clientes sabem todas as fases da cadeia produtiva, desde a colheita até a comercialização, tendo como objetivo uma maior segurança alimentar, além das vantagens de um menor custo de transporte, qualidade e confiabilidade dos produtos e na sua maior identificação com hábitos de consumo diferenciados (OLIVEIRA & MELLO, 2005).

Os quintais se conectam aos mercados através da forma como ocorre a comercialização dos produtos, que podem ser realizadas por meio de pequenas vendas na própria propriedade, troca com vizinhos, fornecimento de insumos para uma maior produção, pequenas feiras, complementação de alimentação, aumentando assim as interações e as redes que ligam o mercado dentro do circuito, com isso ocorre o surgimento das cadeias agroalimentares curtas, que segundo Scarabelot & Schneider (2012) são cadeias que remetem as formas de comercialização, que expressam a proximidade entre produtores e consumidores, não é a única e necessariamente no aspecto espacial, mas uma espécie de conexão que permita provocar interatividade, facilitando que ambos conheçam o propósito um do outro, representando assim a interação da agricultura familiar com o desenvolvimento local.

De acordo com Marsden (2003) para poder caracterizar uma cadeia curta deve haver a habilidade de engrenar alguma forma de conexão entre o consumidor e o produtor, não necessariamente ela estaria relacionada ao tempo e à distância percorrida, mas ao fato de o produto chegar ao consumidor envolto de informação, dando-lhe condições de fazer conexões e associações com um mínimo de dados sobre o lugar e o espaço onde foram produzidos, os valores e pessoas envolvidas e os métodos empregados. Isso significa que o produto chega ao consumidor com um grau significativo de informações e carregado de valor sobre seu processo de produção (MARSDEN, *et al.* 2000).

4. METODOLOGIA

No atual momento sociopolítico, existem diversas experiências que nos levam a refletir sobre a necessidade de valorizar os espaços historicamente femininos como forma de inclusão da mulher e consequente viabilidade de implantação de sistemas agroecológicos, nos levando a crê que as mulheres exercem um papel muito grande dentro da economia local. A pesquisa tem como



objetivo mostrar a importância da mulher dentro da unidade familiar e o seu trabalho com sistemas produtivos alternativos em seus quintais.

Para que o trabalho fosse realizado, foram necessárias pesquisas bibliográficas sobre temas como, desenvolvimento, território, agroecologia, circuitos curtos e pesquisa qualitativa, através de entrevistas com questionários semiestruturados *in loco*, com 14 mulheres da comunidade com a faixa etária entre 34 a 72 anos; a grande maioria ensino fundamental e médio e apenas duas são viúvas as demais são todas casadas.

A entrevista semiestruturada à partir de um roteiro de perguntas previamente elaborado, quando se quer obter informações a respeito de um assunto específico (RUAS et al., 2006), utilizando o método qualitativo exploratório. A abordagem qualitativa é mais adequada para analisar situações complexas, muito particulares ou para classificar e entender processos, vividos por grupos sociais (Triviños, 1994).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentro do enfoque da relevância socioeconômica da agricultura familiar no Brasil é evidente que a contribuição da mulher no que tange ao trabalho dentro da propriedade ainda é pouco reconhecida. Grande parte dos estudos relacionados às mulheres relata que as mesmas vivem insatisfeitas com as condições de subordinação a que estão submetidas. Na divisão do trabalho no ambiente familiar lhe é destinado às atividades domésticas e cuidados com os quintais onde os mesmos são considerados improdutivos, pois não é gerada uma renda monetária, de modo que a mulher vem a se sentir desvalorizada e completamente submetida à figura masculina, seja ela do pai ainda quando solteira ou do marido quando vem aceder ao matrimônio.

Na agricultura estudos afirma que o modo de produção familiar ainda permanece diversas desigualdades de gênero, em que o homem-marido aparece no contexto familiar com um papel privilegiado enquanto chefe da família e da produção. Neste sentido cabem as mulheres o papel reprodutivo e o do ambiente familiar, realizando práticas de cultivo nos quintais, cuidando de pequenas criações, e realizando atividades domésticas. Ao homem competem todos os serviços de cunho produtivo, que estão diretamente ligados ao mercado (DESER – CEMTR/PR,1996).

Atualmente as agricultoras estão vendo em seus quintais uma forma de acrescentar renda em sua casa, o que era antes apenas um lugar de lazer passou a ser um ambiente de trabalho. Pode-se observar de acordo com os gráficos que, nas propriedades estudadas



apresentam uma grande diversidade de produtos de origem agroecológico, provenientes dos quintais, esse tipo de produção é realizado pelas agricultoras, as mesmas relatam que aderiram principalmente pela segurança alimentar que esse tipo de cultivo representa, além de não devastar o meio ambiente, por ser uma prática que visa à conservação e a menor devastação possível, tentando conciliar o objetivo social, econômico e ambiental.

Segundo Altieri (2004) a agroecologia é uma nova abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e sociais de modo que estes auxiliem na compreensão e avaliação do efeito sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. De acordo com a pesquisa foi possível notar evidentemente a reprodução de princípios agroecológicos tais como: uso múltiplo da diversidade de culturas nos espaços dos quintais, fortalecimento da comercialização direta com o consumidor e mercados locais, interações sociais com os moradores da vila principalmente no quesito de ainda haver a prática da troca, seja de sementes, muda ou até mesmo de produção.

O mercado voltado para esses produtos está principalmente sendo concentrado na região, mais precisamente na própria comunidade, fazendo com que haja o fortalecimento da rede de interação local, concentrada em circuitos curtos.

Segundo Wilkinson (2003) há um crescente surgimento de novas oportunidades de mercados para agricultura familiar, que valorizam elementos da diversidade social e ambiental, o mercado de produtos orgânicos, mercados informais, e as novas redes de comercialização formadas a partir da extensão das relações de proximidade e parentesco.

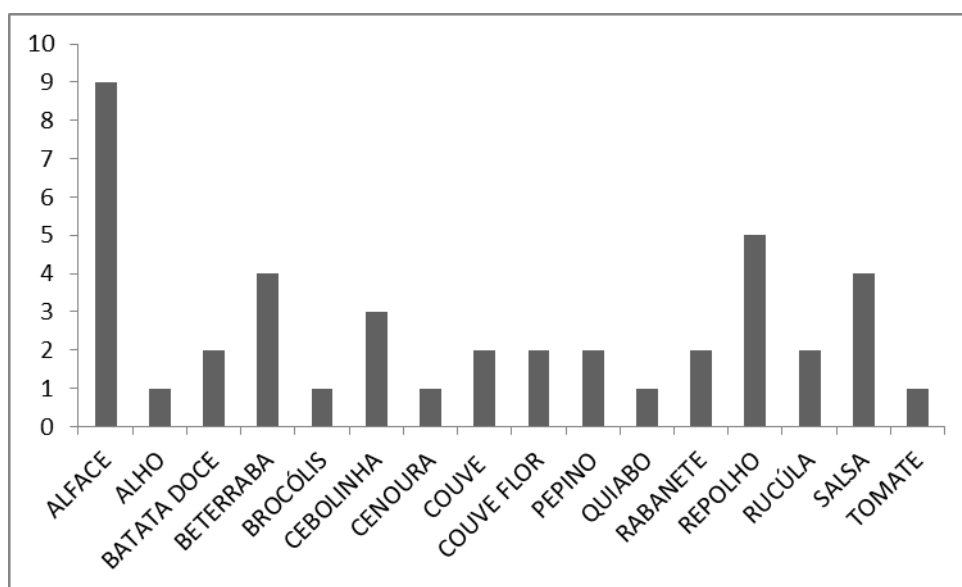




Gráfico 1: Hortaliças comercializadas pelas produtoras

Na gráfico1, identificam-se os principais produtos comercializados, que são as hortaliças, sendo a alface a mais cultivada pelas produtoras, pois a mesma apresenta maior saída na hora da comercialização, observa-se também que as hortaliças folhosas são as preferidas na escolha do cultivo, isso se deve ao fato de apresentarem maior facilidade para produção e saída do produto.

As hortaliças constituem importantes fontes de alimento, principalmente através do consumo das folhas em saladas, como foram os casos da alface (*Lactuca sativa*), repolho (*Brassica oleracea var*) e da salsa (*Petroselinum crispum*).

PRODUTOS	PORCENTAGEM DE AGRICULTORAS
Origem Animal	55%
Origem Vegetal	100%

Quadro 1: Percentual de agricultoras em diferentes categorias de produtos

No quadro acima se têm o total de produtos vendidos pelas mulheres onde estão divididos em duas categorias os de origem animal e vegetal, onde 100% das agricultoras entrevistadas cultivam produtos de origem vegetal que incluem hortaliças, plantas medicinais, grãos e frutas. O ato de cultivar diversas culturas em um mesmo ambiente é de grande importância, pois auxilia no equilíbrio do meio ambiente, além de ser um seguro contra possíveis ataques de pragas e doenças. Nesses quintais destacam-se também como agroecossistemas de domesticação e adaptação das espécies cultivadas pelas mulheres, onde a seleção das espécies é definida por alguns fatores socioeconômicos e ambientais, tais como, hábitos de dieta, disponibilidade de sementes e mudas, número de membros da família, grau de parentesco com a comunidade, origem da família, fatores ambientais limitantes e demanda do mercado local (LOURENÇO *et al*, 2009). Já em relação os produtos provenientes de origem animal, apenas 55% das produtoras, criam animais e vendem os produtos advindos destes, entre os produtos comercializados estão o leite, ovo e o queijo.

De acordo com o gráfico 2, nota-se os mercados acessados pelas agricultoras da vila rural, onde 54% das mulheres efetuam a venda para clientes que são da cidade, as mulheres



fazem as entregas nas residências das clientes no município. Demonstrando a relação de confiança que os consumidores da cidade têm com as produtoras.

Em relação aos programas de fortalecimento da agricultura familiar com o Programa de Aquisição de Alimentos (PNAE) e Programa de Alimentação Escolar (PAA), pode-se perceber que apenas 23% das mulheres entrevistadas, têm acessado esses mercados, pois requerem uma avaliação mais rigorosa, principalmente porque as agricultoras que fornecerem produtos para a alimentação escolar tem que apresenta o certificado de orgânico, essas mulheres, são certificadas pela Rede Ecovida, que faz esse processo com baixo custo para os pequenos agricultores e, diferente das outras certificadoras, a Ecovida faz a certificação da propriedade como um todo não só de um único produto. O uso desses selos é de grande importância para evidenciar se os produtos provêm da agricultura orgânica, além de dá mais credibilidade a produção.

A Associação Central dos Produtores Rurais Ecológicos (ACEMPRES) recebe os produtos de algumas das agricultoras pesquisadas e faz a distribuição para a prefeitura de acordo com os produtos exigidos pelo cardápio nutricional das escolas, além de ser a ponte entre as agricultoras e os programas governamentais a ACEMPRES também efetua a venda desses produtos na própria loja localizada em Marechal Cândido Rondon.

Segundo Triches & Schneider (2015) as políticas públicas são de grande relevância de incentivo para a formação das cadeias curtas de abastecimento a partir das feiras de pequenos agricultores, dos movimentos agroecológicos e das aquisições públicas de alimentos como o PAA e o PNAE.

Os mercados de orgânicos ou agroecológicos (feiras, pequenos supermercados, entrepostos, etc.), e as novas organizações para consumo, devem ser considerados como estratégicos para a agricultura familiar (OLIVEIRA & MELO, 2006). As agricultoras devem se organizar de forma que consigam alcançar em mercados que se encontram cada vez mais em evidência, se tornando uma oportunidade de crescimento local.

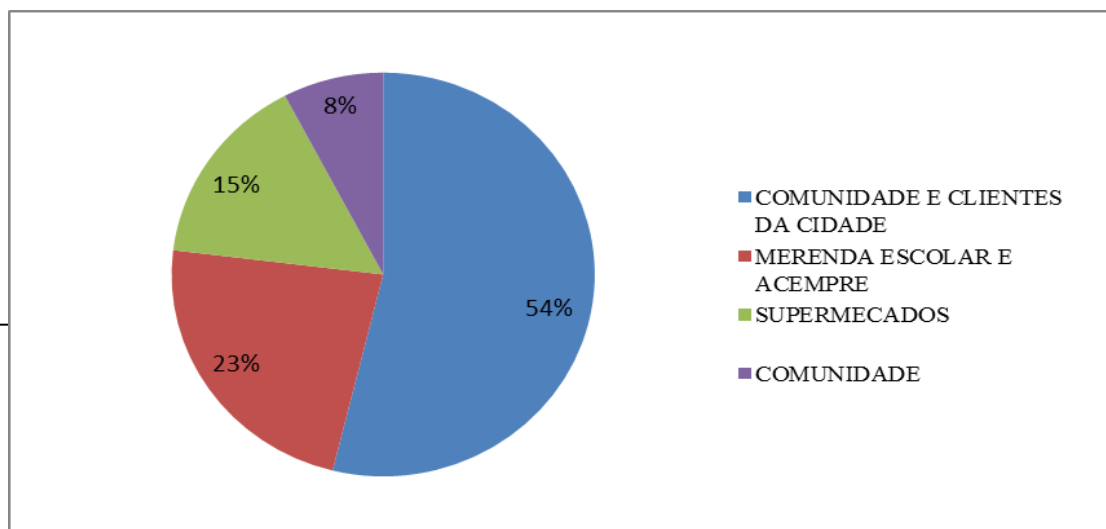




Gráfico 2: Mercados acessados pelas agricultoras da vila rural de Santa Clara

As mulheres da Vila Rural Santa Clara conseguiram desenhar e constituir um mercado de proximidade voltado principalmente para a comunidade e para clientes na cidade que foram conquistados pelas relações de confiança que elas construíram. Essas relações pessoais entre produtoras e consumidores acabaram por criar um circuito curto de comercialização baseado na confiança tecidas sobre um território, nas palavras de Saquet e Alves (2014, p. 593):

As relações de confiança e/ou reconhecimento repousam sobre a proximidade espacial e institucional, porém, sobretudo, sobre valores como o respeito e a cooperação, construídos historicamente entre as pessoas, neste caso, especialmente entre produtores e consumidores que compram, costumeiramente, mesmo que não exista a certificação, valorizando relações pessoais que extrapolam os níveis da vizinhança e comunidade.

As agricultoras conseguem desenvolver todo esse sistema de venda, principalmente na própria comunidade fazendo uso econômico do espaço dos próprios quintais, os principais produtos por elas comercializados é alface, pois a cultura apresenta um ciclo curto, onde dependendo da cultivar ela possui seu processamento mínimo entre 60 a 70 dias após a semeadura (EMBRAPA 2006), moranguinho, pois é um fruto bastante apreciado pelos consumidores, rabanete em razão de uma das mulheres ter parceria de venda com um supermercado do município e ovos visto que 58% das mulheres dispõe de uma criação de galinhas de postura, e as mesmas alegam que o produto possui uma procura considerável.

PRODUTOS	VALOR PAGO
ACEROLA	R\$: 2,50/KG
ALFACE	R\$: 7,88/KG
ALHO	R\$:15,00/KG
BANANA	R\$: 2,50/KG
BATATA DOCE	R\$: 2,50/KG
CENOURA	R\$: 2,50/KG
CHICÓRIA	R\$: 6,37/KG
LEITE	R\$: 2,00/L
MORANGUINHO	R\$: 18,20/KG
OVOS	R\$:4,00/DÚZIA
QUEIJO	R\$:15,00/KG



QUIABO	R\$: 2,50/KG
RABANETE	R\$: 3,50/KG

Quadro 2: produtos que são comercializados

O principal entrave encontrado pelas mulheres são as dificuldades em comercializar a produção para outros locais, pela ausência de transporte que venham a contemplar tal serviço, em vista disso a alternativa que as agricultoras portaram foi à utilização de vendas no próprio território em que se encontram, apresentando uma rede de comercialização curta e com duas formas de conteúdo, o econômico proporcionado pela geração de renda das mulheres e ambiental já que produzem com práticas agroecológicas. Outro problema enfrentado pelas agricultoras é em relação aos preços dos produtos, muitos consumidores não tem conhecimento da complexidade da produção agroecológica e na maioria das vezes não atribui o real valor dos produtos no momento da comercialização.

O que se verificou no decorrer da pesquisa é que as mulheres que participam da produção agroecológica desempenham um papel fundamental em todo o processo. Tanto pela preocupação e produção para segurança alimentar da família, como na comercialização através de circuitos curtos de venda dos excedentes dos quintais domésticos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os circuitos curtos de comercialização dos produtos das agricultoras da Vila Rural Santa Clara foi uma alternativa encontrada para gerar uma renda dos excedentes da produção dos quintais, além das relações sócias que foram construídas, pois não trata se apenas de um ganho em quantidade, mas em qualidade também já que os produtos são produzidos de forma agroecológica. Todo esse processo criou além de relações sociais, novos valores, promovendo assim o resgate da autonomia, revalorização das agricultoras, não só nas residências, mas na comunidade em geral. Porém ainda existe desafio que devem ser solucionados a médio longo prazo que fora abordados nesse trabalho, um exemplo disso é a questão do transporte para o auxílio do escoamento da produção e as políticas públicas que tem o papel fundamental para tal processo, principalmente no que diz respeito de uma educação informativa aos consumidores dos produtos agroecológicos fazendo com que haja uma valorização aos produtos adquiridos a parti da comercialização por parte das mulheres rurais, visto a complexidade de produção que os mesmos possuem.



Contudo pode se concluir com a pesquisa realizada que os circuitos curtos de comercialização contribuem para um desenvolvimento local, pois estes oferece uma possibilidade de inserção social melhorando as condições de vidas das mulheres ao produzirem alimentos com qualidades, além das conexões que vem a ser estabelecidas entre produção e consumo, aliados a processos sustentáveis.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J.A.T. de *et al.* A invisibilidade parcial do trabalho feminino no campo das atividades produtivas. In: ENCONTRO DA REDOR, 18., 2014, Recife. 18º Redor - Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero. Recife: Redor, 2014.

BRITO, M. A.; COELHO, M. de F. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais – unidades auto-sustentáveis. **Revista Agricultura Tropical**, San José, v. 4, n. 1, p. 7-35, 2000.

BRUMER, A. Gênero e agricultura familiar: a situação da mulher na agricultura do RS. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

DESER – CEMTR. Departamento Sindical de Estudos Rurais. Comissão Sindical de Estudos Rurais. Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Paraná. **Gênero e agricultura familiar**: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite. 1ª ed. Curitiba, 1996.

LONG, N. Sociologia do desenvolvimento: perspectivas do ator . Londres e Nova York. **Routledge** ,293 p, 2001.

LONG, N. Sociologia do Desenvolvimento: Uma perspectiva centrada no ator. México, Centro de Investigação e Estudos Superiores em Antropologia Social: El Colegio de San Luis. 504 p. 2007.

LOURENÇO, J. N. de P. et al. Agrobiodiversidade nos quintais agroflorestais em três assentamentos na Amazônia Central. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 965-969, 2009.

MACÊDO, J. L. V. de. CULTIVO DE FRUTEIRAS EM SISTEMAS AGROFLORESTAIS. I ENCONTRO DE FRUTAS NATIVAS DO NORTE E NORDESTE DO BRASIL. São Luis, 2007. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/.../Cultivo-de-Fruteiras-em-Sistemas-Agroflorestais.pdf>. Acesso em: 29 de setembro de 2017.

MARSDEN, T.; BANKS, J.; BRISTOW, G. Abordagens da cadeia de fornecimento de alimentos: explorando seu papel no desenvolvimento rural. **Sociologia Rural**, v.40, n.4, p.424-438, 2000.



MARSDEN, T. A condição da sustentabilidade rural. Assen: Van Gorcun. 2003.

NODA, S. N. (Org.). Agricultura Familiar na Amazônia das Águas. 1. ed. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

OLIVEIRA, D; MELLO, M. A. Novas formas de inserção da agricultura familiar ao Mercado como estratégia de desenvolvimento rural. XLIV CONGRESSO DA SOBER “Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento”. Fortaleza, 2006. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/5/808.pdf>. Acesso em: 29 de setembro de 2017.

PASA, M. C. Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá-Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, 2004. 174 f. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

PAULILO, M. I. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, 1987.

RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. SP: Ática, 1993.

RUAS, E. D. et al. Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável: MEXPAR. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais, 2006.

SABBATO, A; MELO, H. P. de; LOMBARDI, M. R.; FARIA, N. Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres. MDA, Brasília, 2009. http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/anexos/Livro_Estatisticas_Rurais_e_a_Economia_Feminista_0.pdf. Acesso em: 29 de setembro de 2017.

SAQUET, M. A. & ALVES, A. F. Experiências de desenvolvimento territorial em confronto. CAMPO-TERRITÓRIO: **Revista De Geografia Agrária**, v. 9, n. 17, p. 574-598, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/24072/14398>. Acesso em: 29 de setembro de 2017.

SAQUET, M. A. A RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPO E A APREENSÃO DO MOVIMENTO EM ESTUDOS TERRITORIAIS. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaespacial/31.pdf>. Acesso em: 29 de setembro de 2017.

SCARABELOT, M.; SCHNEIDER, S. As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local – um estudo de caso no município de Nova Veneza/SC. *Revista Faz Ciência*, v. 15, n. 20, 2012. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/8028>. Acessado em: 10 outubro . 2017.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e realidade. Porto Alegre, 1995.



I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL
IV JORNADA QUESTÃO AGRÁRIA E DESENVOLVIMENTO

INTERDISCIPLINARIDADE E DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

UNIOESTE – MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR

22 A 25 DE NOVEMBRO DE 2017

SILIPRANDI, E. Urbanas e rurais: a vida que se tem, a vida que se quer. In: VENTURINI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, de. S. (Orgs.). A mulher brasileira nos espaços público e privado. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2004.

TRICHES, R & SCHNEIDER, S. Alimentação, sistema agroalimentar e os consumidores: novas conexões para o desenvolvimento rural. **Revista Cuadernos de Desarrollo Rural**, Colômbia, p.12-75, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.Cdr12-75.asac>. Acesso em: 15 de agosto de 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. - Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. **Atlas**, São Paulo, 175p, 1987.

WILKINSON, J. A agricultura familiar ante o novo padrão de competitividade do sistema alimentar na América latina. In: Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n.21, 2003.

YOUNG, A. Agroflorestal para conservação do solo, Nairóbi: ICRAF, 276p. 1997.